



O Telejornalismo na cobertura da eleição de 2010: Um estudo comparativo com as eleições de 2002 e 2006¹

Florentina das Neves SOUZA²

Universidade Estadual de Londrina, Londrina Pr.

RESUMO

O presente artigo faz um estudo da abordagem do *Jornal Nacional* no período de definição das candidaturas para a eleição à presidência em 2002 e 2006 levantando hipóteses a cerca das eleições presidenciais deste ano. Apresenta uma análise comparativa com as duas últimas eleições presidenciais entre os meses de abril, maio e junho, quando termina o prazo de registro dos candidatos. Utiliza como metodologia o estudo do enquadramento e das valências, verificando assim, o perfil da cobertura e do grau de interferência do maior telejornal do Brasil na opinião pública e decisão dos partidos.

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo; Jornal Nacional; eleições presidenciais; eleições 2010.

Introdução

As eleições presidenciais no Brasil são períodos fundamentais para o país e que envolvem toda a sociedade brasileira. É o momento, também, no qual se evidencia o comportamento dos meios de comunicação na formação da opinião pública. No entanto, é durante os meses que antecedem a definição e registro das candidaturas que se verifica a construção, por meio da mídia, da imagem favorável ou não aos candidatos e partidos.

A proposta deste trabalho foi levantar hipóteses a cerca do papel do *Jornal Nacional*, da *Rede Globo* de Televisão, o mais importante telejornal do país, na cobertura do período que antecedeu a definição de candidatos à presidência e prazo final dado pela justiça eleitoral para o registro das candidaturas. A investigação foi nos meses de abril, maio, junho e início de julho, nas eleições de 2002, 2006 .

O objetivo foi diagnosticar, em uma análise de conteúdo, como o *Jornal Nacional* enquadrou as pré-candidaturas, partidos e avaliar sua possível

¹ Trabalho apresentado no GP de Telejornalismo, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/ USP – Docente e Pesquisadora da Universidade Estadual de Londrina



contribuição para a formação da opinião pública e o seu respeito com os preceitos básicos da prática e da ética profissional.

A análise da cobertura da pré-eleição presidencial de 2010 comparando com 2002 e 2006 pelo *Jornal Nacional* está baseada no conceito de enquadramento, grau de visibilidade e valência atribuída a cada candidato. Foi feito um levantamento do número de matérias; tempo de cada uma; tempo da *fala* dos representantes dos partidos e pré candidatos; e uma verificação do conteúdo com a classificação como matéria positiva, negativa ou neutra.

A metodologia aplicada no desenvolvimento da investigação dos telejornais observa os trabalhos dos principais grupos que pesquisam a mídia e eleições no país. Destacamos:

O laboratório de Pesquisa em Comunicação Política e Opinião Pública – DOXA - do IUPERJ (Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro) da Universidade Candido Mendes que trabalha com o conceito de valência;

Os Núcleos de Estudos em Artes, Mídia e Política - NEAMP - da PUC de São Paulo e Estudos de Mídia e Política - NEMP- da UNB, que utilizam, além das valências, o conceito de enquadramento.

A definição de *enquadramento* da notícia, usado pelos pesquisadores dos núcleos de pesquisa é fundamentada no conceito de Robert Entman.³

O enquadramento noticioso se refere aos padrões de apresentação, seleção e ênfase utilizada por jornalistas para organizar seus relatos. É comum, segundo Porto, identificar no telejornalismo o enquadramento interpretativo nas sonoras.⁴

O modelo da valência é muito utilizado pelo Laboratório de Pesquisa em Comunicação Política e Opinião Pública - DOXA. O Laboratório do IUPERJ desenvolve pesquisas eleitorais em jornais. São estudos que acompanham a quantidade de vezes em que o nome de cada candidato aparece no noticiário e a valência atribuída a ele.

³ No texto *Framing: Toward Clarification of a fractures paradigm*, in M. Levy and Gurevitch, eds, *Defining Media Studies*. New York: Oxford University, p.331. Entman define enquadramento como: enquadrar é selecionar certos aspectos da realidade percebida e torná-los mais salientes no texto da comunicação de tal forma a promover a definição particular de um problema, de uma interpretação causal, de uma avaliação moral, e/ou a recomendação de tratamento para o tema descrito.

⁴ Sonora é um termo usado para designar uma fala da entrevista, segundo Vera Íris Paternostro no livro “O Texto na TV”. São Paulo: Campus, 1999, p. 151.



Os pesquisadores do *DOXA* classificam as valências de acordo com o seu potencial para a candidatura. Os critérios são:

Valência Positiva - Quando a matéria sobre determinado candidato reproduz suas promessas, programa de governo, declarações ou ataques a concorrentes. Inclui matérias que destacam os resultados favoráveis de pesquisas de intenção de voto;

Valência Negativa - Quando a matéria reproduz ressalvas, críticas ou ataques de candidatos concorrentes ou de terceiros ao candidato. Inclui matérias que destacam os resultados desfavoráveis de pesquisas de intenção de voto;

Valência Neutra - Quando a matéria se restringe a apresentar a agenda do candidato ou citações sem avaliação moral, política ou pessoal sobre os candidatos.

Valência Equilibrada - Quando matérias sobre o candidato apresentam conteúdos positivos e negativos com pesos relativamente iguais.

O estudo a partir de uma classificação de valência das matérias é uma forma de medir qual o espaço dado a um ou outro candidato, ou seja, qual o papel do telejornal e a quem ele está favorecendo.

Na análise de conteúdo buscamos subsídios nestas metodologias para identificar o espaço dado, pelo telejornal, para cada pré-candidato ou partido e a valência das notícias a eles destinadas.

1. Jornal Nacional

O Jornal Nacional comemorou quarenta anos no ano passado com direito a festa, lançamento de livro, reestruturação estética no estúdio, roupa nova e um maior afinamento dos apresentadores com a família brasileira. Os apresentadores Willian Bonner e Fátima Bernardes tentaram fazer do estúdio do programa a sala de estar do casal e do telejornal um “momento de encontro” da família brasileira, aliás, estratégia vitoriosa de aproximar e legitimar a audiência e a credibilidade do programa. No entanto, quem estuda e analisa a trajetória do telejornal mais antigo do Brasil sabe que nem o formato, linguagem e muito menos a concepção de detentor do poder mudaram desde a inauguração em 1969.

O telejornal continua sendo o único meio de informação para milhões de brasileiros e um dos mais influentes veículos de massa, pelo menos politicamente. Para medir a penetração e importância política do noticiário não só para o telespectador comum, basta repetir a frase do então presidente do PFL Jorge



Bournhause durante uma conversa por ocasião da inauguração do comitê central da campanha de Alckmin à presidência em julho de 2006. ”É preciso mobilizar para entrar no Jornal Nacional. O Álvaro [Dias , senador do PSDB Paraná] tem razão: nosso objetivo se chama Jornal Nacional. Quem ganhar no Jornal Nacional ganha a eleição”.

A hegemonia do Jornal Nacional foi conquistada graças às decisões políticas da época que garantiram financiamento ao grupo marinho e a implantação do sistema de microondas para a transmissão em rede nacional. A vocação política governamental do noticiário, pelo menos nas primeiras décadas, era clara, tanto que a primeira notícia dada pelo telejornal foi o anúncio dos nomes que compunham a junta militar, comandante do país, naquele momento, em consequência da doença de Costa e Silva e o primeiro VT foi uma entrevista do então Ministro da Fazenda Delfim Neto.

No período ditatorial, o telejornal representava a voz oficial do governo em todo o território nacional e além de ignorar acontecimentos importantes nunca dava notícia sobre tortura, prisão de estudantes, operários ou de jornalistas, pelo contrário, divulgava fotos e nomes de pessoas procuradas para que se facilitasse a prisão. O telejornal só era pautado com notícias internacionais e do "milagre econômico". Quem não se lembra da afirmação do presidente Médici, em 1973: “Sinto-me feliz, todas as noites, quando ligo a televisão para assistir ao jornal [JN]. Enquanto as notícias dão conta de greves, agitações, atentados e conflitos em várias partes do mundo, o Brasil marcha em paz, rumo ao desenvolvimento. É como se eu tomasse um tranqüilizante, após um dia de trabalho”.

Nos anos de 1980, época caracterizada, politicamente, como pós-abertura não foi diferente, e o noticiário figurou com um comportamento unilateral em momentos considerados fortes do período. A cobertura na campanha pelas eleições diretas, em 1984, eleições de 1982 para o governo do estado do Rio de Janeiro e de 1989 para presidente foram algumas das ocasiões em que o papel tendencioso do *Jornal Nacional* foi mais evidente.

Em 1982, na eleição para governador, a Globo previa uma apuração em ritmo de espetáculo, mas a cobertura do *Jornal Nacional* se transformou em caso polêmico que quase mudou os rumos da eleição do Rio de Janeiro. O esquema montado em 1982 consistia em iniciar a apuração de votos pelo interior do estado, onde o candidato Leonel Brizola perdia. A Proconsult - empresa responsável pelo sistema de apuração eletrônica para o Tribunal Regional Eleitoral, também contratada da Globo e cujo programador era um ex-oficial do Exército - podia tirar votos de Brizola e dar para



Moreira Franco, candidato do PDS. O *Jornal Nacional* divulgaria só números oficiais e daria falsos resultados. Como era uma empresa de credibilidade, dava a sustentar que era a verdade. Mas um serviço de apuração próprio do Jornal do Brasil e do PDT, liderado por César Maia, mostravam números contrários e o diretor de pesquisa da Rede Globo denunciou a fraude.⁵

Na cobertura do movimento pelas eleições diretas no país entre 1983 e 1984 o telejornal foi totalmente omissivo e só divulgou a campanha depois que o próprio Roberto Marinho participou da decisão pelo nome de Tancredo Neves como candidato em uma eventual eleição direta. Muita gente se lembra do comício de São Paulo que reuniu entre 250 a 300 mil pessoas na praça da Sé no dia 25 de janeiro de 1984. Todos os órgãos da grande imprensa cobriram o ato público e foi a grande notícia do dia e da semana, porém, o “*Jornal Nacional*” fez diferente, noticiou como se fosse uma festa comemorativa dando ênfase a presença de artistas reduzindo a relevância da informação. O texto lido, na ocasião, pelo apresentador Marcos Hummel dizia: “festa em São Paulo, a cidade comemora seus 430 anos em mais de 500 solenidades. A maior foi um comício na praça da Sé”.

Em 1989, a campanha do futuro presidente Fernando Collor foi favorecida pela construção de um cenário dia a dia pelo *Jornal Nacional*, no entanto, o fato relevante na decisão do eleitor foi a edição enviesada do dia 16 de dezembro, véspera do segundo turno da eleição. A manipulação ocorreu no tempo e na escolha das falas de cada candidato. A reportagem sobre o debate, segundo o editor de política da época, Vianey Pinheiro, deveria ser a mesma do *Jornal Hoje*, onde a matéria mostrava Collor com 22 segundos a mais que Lula. “A decisão de aumentar a vantagem de Collor foi do próprio Roberto Marinho que ordenou nova edição. Naquela noite o telejornal exibiu Collor com mais falas e com um minuto e 12 segundos a mais que Lula”.⁶ A edição mostrava ainda os piores momentos de Lula e os melhores do candidato do PRN, inclusive gaguejando e trocando palavras.

Na história política recente o telejornal tenta se distanciar da imagem de detentor do poder, porém dados coletados na pesquisa das eleições de 2002 e 2006 indicam que a Rede Globo, por meio do *Jornal Nacional*, ainda mantém a

⁵ Entrevista concedida à autora pelo, então, senador, Saturnino Braga, em Brasília. Março de 2006. Na época da eleição de 1982 Braga era do PDT, mesmo partido de Brizolae candidato a deputado pelo partido.

⁶ Francisco Vianey Pinheiro foi jornalista da Globo no período e responsável pela edição de política. Deu esta declaração em entrevista à autora. São Paulo, março 2006.



mesma tendência unilateral em suas coberturas, sobretudo eleitorais, como fez em outros momentos políticos, desde o início de sua trajetória. Tal comportamento ainda privilegia e prejudica pessoas e candidatos.

2. Eleições 2002

O primeiro momento analisado, neste artigo, se refere a eleição de 2002 no período em que as candidaturas ainda não estavam sacramentadas, porém definidas. O momento foi marcado pela definição de chapas, candidatos a vice e coligações. No começo da análise, no mês de abril, a ex-governadora Roseana Sarney, considerada uma forte candidata, foi obrigada a desistir da candidatura por causa de denúncias contra ela e contra o marido que tiveram muita visibilidade no *Jornal Nacional*. O seu partido, o PFL, ficou dividido no apoio.

No mês de abril, o telejornal divulgou reportagens diárias sobre denúncias de desvio de dinheiro e corrupção. Algumas resgatavam episódios como o caso “Lalau” e a “máfia do INSS”. As matérias periódicas sobre a crise econômica na Argentina destacavam situação de pobreza, mudanças e decadências do país. No Brasil, as matérias eram otimistas e de valorização da economia, mas as insinuações eram de que o Brasil, dependendo do próximo presidente, poderia virar uma “Argentina”.

Neste período, os candidatos começaram a aparecer quase que diariamente em matérias no *Jornal Nacional*, entretanto eram chamados de pré-candidatos e tinham os nomes inseridos em matérias relacionadas com ajustes em partidos para a costura das coligações, além de serem chamados a dar opiniões sobre assuntos polêmicos como a votação da CPMF, lei de responsabilidade fiscal e alíquotas do IR.

Junho foi o mês da *Copa do Mundo*, portanto o número de matérias sobre eleições e o tempo dedicado a elas, no *JN*, diminuiu. Além da divulgação das pesquisas, os candidatos apareceram em matérias de economia.

Além dos quatro principais candidatos: Ciro, Lula, Garotinho e Serra, confirmados após a convenção, aparecia, ainda, o pré-candidato do PRONA, Enéas.



A análise da cobertura deste período, pelo telejornal, na eleição de 2002 demonstrou que houve um certo equilíbrio no número de matérias e tempo de presença dos pré-candidatos no telejornal.

Tabela 1 - Número e Tempo de Matérias por Pré-candidato em 2002

Candidato	Nº de matérias	Percentual do total	Tempo das matérias
Enéas	1	1.52%	
Ciro	15	22.73%	19m 55s
Garotinho	15	22.73%	17m 36s
Lula	16	24.24 %	16m 22s
Serra	19	28.79%	18m 33s

Fonte: autora

José Serra (PSDB) foi o candidato que esteve em um maior número de matérias. Foram três a mais do que Luiz Inácio Lula da Silva e quatro a mais que os outros dois principais pré-candidatos. Isso não significa, no entanto, que ele teve mais visibilidade. Ciro Gomes (PPS) apesar de ter quatro matérias a menos, esteve mais tempo no ar, com 1 minuto e 22 segundos a mais que Serra, portanto mais visível.

O estudo constatou que em 2002 os candidatos considerados de oposição receberam mais valências negativas nas matérias apresentadas que o candidato do governo. Entre Lula e Serra foram exatamente os opostos, enquanto Serra teve 8 matérias consideradas positivas, Lula teve 7 consideradas negativas e vice-versa. As matérias negativas de Lula corresponderam a quase 44 % de todas as matérias apresentadas no período, enquanto para Serra as negativas representaram quase 16 por cento. Em relação aos outros dois candidatos, Ciro e Garotinho, prevaleceram as matérias com valência neutra, embora as positivas para Garotinho, por exemplo, não tenham passado dos 13.33% do total das matérias.



Pelo critério adotado, em que a valência positiva é considerada para o candidato que tem destacado em sua fala, ou reportagem, planos de governo, promessas e avanços em pesquisas, percebe-se que o *Jornal Nacional* privilegiou muito mais o candidato do governo colocando em destaque tais assuntos nas matérias sobre Serra.

No mês de abril, começo do período analisado, o *JN* destacava as alianças de candidatos com outros partidos e apoio de políticos. Neste momento, observa-se que a valência variava de acordo com o apoio recebido. José Serra teve destacado o apoio recebido do PFL, citado duas vezes em uma mesma matéria. Para Garotinho o apoio de Maluf, destacado pelo *JN*, não teve a mesma valência positiva que teve Serra, porque ligava seu nome a um político que já teve problemas com a justiça.

Pelo critério, a valência negativa se dá quando a matéria faz ressalvas a candidatos, reproduz críticas e ataques de concorrentes. Veremos abaixo como o *Jornal Nacional* deu ênfase aos ataques.

As matérias de economia sobre a crise na Argentina, aumento do dólar e aumento do risco Brasil, foram invariavelmente de destaque negativo para os candidatos, já que apontavam que o risco Brasil, por exemplo, poderia aumentar em função de depoimentos entendidos como ameaçadores à estabilidade econômica.

Outro assunto que gerou polêmica pelo telejornal foi a discussão da Lei de Responsabilidade Fiscal, questionada no STF pelos partidos de oposição. Pedro Malan deu uma entrevista em tom de ameaça dizendo que se não cumprissem a lei, a inflação voltaria.

O *Jornal Nacional* exibiu, quase que diariamente no mês de junho matérias demonstrando o mercado financeiro nervoso com o aumento do dólar e risco Brasil. Armínio Fraga declarou que o medo dos investidores pela proximidade das eleições estava fazendo o risco Brasil subir. A estratégia do medo como bem afirmou Chaia foi uma constante na eleição de 2002, mesmo antes da definição das candidaturas (CHAIA, 2004).

Neste momento, o *Jornal Nacional* já vinha realçando o “jeito explosivo” de Ciro, destacando suas críticas e relacionando-o com denúncias. Em 15 de maio começou uma série de matérias negativas sobre Ciro Gomes. Neste dia, o *JN* destacou reportagem sobre o acordo entre a “frente” que apoiava Ciro e o partido de Collor em Alagoas e mostrou o filho de Collor em uma reunião, destacando a imagem dele com um recurso gráfico.



Um outro VT, mostrou Ciro saindo irritado, sem dar a entrevista que havia combinado para a repórter da *Globo*, Delis Ortiz. As cenas tornaram Ciro mais antipático para o público e ele reagiu aos ataques dizendo que estavam tentando relacionar a imagem dele a de Collor. “Em nota, Ciro Gomes reagiu à associação da imagem dele com Collor. Disse que o objetivo é criar intrigas. O pré-candidato do PPS acabou desistindo de gravar entrevista”.

Neste período analisado, o telejornal também colocou críticas de Lula à economia. Em uma edição, também de muita polêmica, o telejornal mostrou uma sonora de Lula sobre o aumento da alíquota de imposto de renda. A matéria foi interpretativa quando a edição selecionou a “fala” e incitou os outros pré-candidatos a comentarem.

Para Garotinho, ex-governador do Rio, e Lula, candidato do PT, o destaque negativo ficou para as matérias de violência no Rio onde o repórter da *Rede Globo*, Tim Lopes foi assassinado. As matérias acusavam a polícia e secretários de segurança da gestão de Garotinho e da governadora Benedita da Silva, do PT.

3. Eleições 2006

No período analisado das eleições de 2006, principalmente nos meses de abril e maio, muitos dos nomes que apareceram como pré-candidatos acabaram não se consolidando. Os possíveis candidatos que mais apareceram no telejornal foram do presidente Lula do PT, de Geraldo Alckmin do PSDB e do ex-governador do Rio de Janeiro Anthony Garotinho do PMDB.

Os outros candidatos acabaram tendo visibilidade após as convenções mais ainda sem aparecer diariamente e com tempos iguais. O telejornal destacou também, no período, matérias de economia, política governamental e manteve as matérias de denúncias levantadas desde 2005.



Tabela 2- Número e Tempo de Matérias por Pré-candidato em 2006

Candidato	Nº de matérias	Percentual do total	Tempo das matérias
Alckmin-PSDB	14	16,28%	16min 21s
Cristovam B. - PDT	4	4,65%	8min 25s
Garotinho - PMDB	11	12,79%	15min 43s
H.Helena – P-SOL	9	10,47%	13min 12s
Itamar - PMDB	2	2,33%	1min 48s
José M. Eymael - PSDC	1	1,16%	23s
Luciano Bivar - PSL	1	1,16%	1min 7s
Lula-PT	39	45,35%	83min 26s
Pedro Simon- PMDB	2	2,33%	3min 19s
Roberto Freire - PPS	3	3,49%	23s
Total Global	86	100,00%	144min 7s

Fonte: autora

Como é possível perceber, por meio da tabela, as aparições de Lula são em número bem superior em relação aos outros pré-candidatos, embora ele apareça em ações do governo e não como pré-candidato. São 39 matérias sobre a pessoa ou governo Lula, quase 50 % de todas as matérias relacionadas com eleições ou candidatos no período analisado.

Esta é uma variável para a análise desta eleição já que foi a única vez em que houve uma reeleição com uma cobertura tão efetiva da mídia. Em 2002 embora houvesse o candidato do governo, nem sempre foi possível considerar as matérias sobre ações do governo e do então presidente Fernando Henrique Cardoso como matéria de campanha. Nesta eleição foi preciso analisar o tratamento dado ao candidato à reeleição, mesmo nas ações governamentais já que não há desincompatibilização do cargo.

Os Pré-candidatos do PSDB Geraldo Alckmin, do P-Sol Heloisa Helena e Anthony Garotinho do PMDB aparecem na seqüência com 16,12 e 10%. Alckmin e Heloísa Helena já estavam definidos como candidatos enquanto que Garotinho apareceu em 11 matérias, apenas 3 a menos que o candidato do PSDB sem ao menos o PMDB definir se teria ou não candidato.



Foi observado também que os outros dois possíveis candidatos do PMDB embora aparecessem em menos matérias que Roberto Freire do PPS, que acabou não concorrendo, tiveram mais visibilidade. O pré-candidato do PPS apareceu em 3 matérias, mas em apenas 23 segundos.

O telejornal dedicou 144 minutos de reportagens sobre campanhas, eleições e candidatos no período analisado e mais da metade do tempo, 83 minutos, que exibiam o presidente Lula.

O estudo do tempo das entrevistas se explica pelo enquadramento necessário para a lei eleitoral. Na exibição das matérias de economia, política e governo onde era mostrado e citado o presidente Lula nem sempre era possível gravar entrevista para não caracterizar propaganda.

Em relação às valências das Matérias foi possível perceber que os candidatos com menor visibilidade não tiveram matérias negativas e a valência positiva foi em 50 % das matérias, em média, incluindo nesta amostra Heloísa Helena e Cristovam Buarque. Alckmin também teve 50% de matérias positivas, no entanto, foi apresentado em pelo menos 2 matérias negativamente.

O enfoque negativo foi totalmente para o pré-candidato Anthony Garotinho, todas as matérias em que apareceu, ou foi citado, foram com conteúdo relacionado a denúncias ecoando negativamente para a campanha.

No dia 24 de abril de 2006, período em que o PMDB ainda discutia a candidatura própria, o *Jornal Nacional* Começou a veicular suspeitas de que empresas que colaboravam financeiramente na campanha de Garotinho eram falsas. A matéria durou 2 minutos e oito segundos. No dia seguinte outra reportagem com mais dois minutos e uma nota ao vivo com 22 segundos. Começou o efeito cascata e toda a imprensa passou a fazer a mesma cobertura. No *Jornal Nacional* foram 12 dias com matérias de mais de 2 minutos sobre denúncias de irregularidades nas doações para a campanha. Houve dias em que as matérias se repetiram e as denúncias se estenderam para a então governadora do Rio de Janeiro, mulher do pré-candidato.

Na sexta feira, dia 28 de abril a matéria foi de denúncias contra ONGS que supostamente estariam contribuindo na campanha de garotinho. O candidato foi ouvido em uma entrevista, mas a fala foi selecionada para que o repórter pudesse completar e enfatizar que o candidato admitiu ter empresas que colaboraram com ele e que trabalharam para o governo do Rio.



No domingo, 30 de abril de 2006, Garotinho iniciou uma greve de fome por causa das denúncias que ele considerava ser uma campanha negativa da Rede Globo e revista Veja. A greve de fome foi do dia 30 de abril a 11 de maio. Mesmo neste período as matérias negativas continuaram, além da própria greve ser tratada com deboche pelo JN. No dia primeiro de maio o telejornal acentuava as críticas a Garotinho. A matéria teve cerca de 3 minutos.

Em relação à cobertura do candidato Luiz Inácio Lula da Silva, é perceptível uma cobertura ruim em termos de agenda do seu governo. Como praticamente não houve matéria diretamente sobre a campanha à reeleição se subentende nas matérias de governo que a própria candidatura estava sendo avaliada. O JN mostrou um momento de crise na relação com a Bolívia em relação à Petrobrás e a comercialização do Gás. Foi um período ainda que se afloraram as denúncias de licitações irregulares em compra de ambulâncias chamada pela Polícia Federal de operação sanguessuga e mais tarde pela imprensa de máfia das sanguessugas e o depoimento do ex-secretário geral do PT Sílvio Pereira nas CPI que investigavam a compra de votos no congresso o famigerado “mensalão”. Constantemente o JN enfatizava a repercussão do assunto com partidos de oposição.

No final de maio de 2006, o JN mudou a “paginação” e amenizou o discurso político. Começava com as matérias da “Copa do Mundo” deixando a política em segundo plano. Os destaques políticos e de campanha deste período foram as alianças. O telejornal destacou que PSDB e PT seriam os “dois principais partidos” para as eleições de 2006, já lançando uma possível vitória com um dos dois. Alckmin confirmou a candidatura.

Dentre as matérias que deram 50% de visibilidade positiva a Geraldo Alckmin estão as que destacaram projetos da campanha e a pesquisa divulgada no telejornal de 30/06 que começou “na cabeça” dando vantagem para o candidato. “O Datafolha divulgou mais uma pesquisa sobre as eleições presidenciais deste ano. O candidato do PSDB, Geraldo Alckmin, subiu sete pontos percentuais em relação à pesquisa divulgada no mês passado e caiu a diferença entre ele e o presidente Lula”.

A chamada destacou uma informação que causava expectativas e movimentava a campanha de Alckmin. Só no conteúdo da nota coberta é que os apresentadores explicam: “O Datafolha esclareceu que não é possível fazer comparação entre as duas pesquisas porque houve mudança na lista de candidatos apresentada aos



eleitores”. Mesmo fazendo o alerta, a própria “nota” faz a comparação. “A diferença entre Lula e Alckmin, que era de 23 pontos percentuais em maio, caiu para 17 pontos percentuais”.

Considerações finais

Este estudo fez uma análise comparativa em relação às últimas eleições presidenciais na abordagem do *Jornal Nacional* e percebeu muita semelhança nos viés adotado pelo telejornal ao tratar dos pré-candidatos à presidência e em relação aos assuntos pautados.

Em 2002 foi possível perceber que no início da disputa, em abril, se falava na crise da Argentina, na crise econômica brasileira e no “Risco Brasil”. “O Brasil poderia se tornar uma Argentina” caso não se mantivesse o projeto econômico do governo anterior. Em 2006 se falou na crise de relacionamento do Brasil com a Bolívia e a falta de punição de parlamentares, corrupção e ao contrário, de 2002, se destacou o governo como incentivador da “crise política”.

Na campanha de 2002, a proliferação da dengue em 2001 e 2002 foi o “mal” que afetou a candidatura do partido do governo, enquanto que no início de 2006 foi falado na proliferação da “aftosa” como inimiga da campanha de Lula, principalmente entre os agricultores.

A edição do *JN*, na eleição de 2002 foi questionável porque “sugeriu” parcialidade ao selecionar e enquadrar depoimentos polêmicos e que poderiam contribuir negativamente. O telejornal também se prestou à descredibilidade nos dois momentos, fazendo edições tendenciosas e usando textos interpretativos e de deboche. Em 2006, ao falar de Itamar Franco, que se desfilou do PMDB e anunciou apoio ao PT, por exemplo, Bonner debochou do ex-presidente quando ressaltou com um sorriso de desrespeito. “Ele já saiu do PMDB três vezes e dessa vez disse que é para sempre”.

A série de matérias negativas com Garotinho, também em 2006, relembrou a campanha em 2002 quando houve o mesmo procedimento com a pré-candidata do PFL Roseana Sarney com uma cobertura predominantemente negativa que culminou com a desistência dela. O mesmo procedimento foi em relação ao candidato Ciro Gomes em 2002. A campanha depreciativa do JN foi tão eficaz e durante tanto tempo que o candidato caiu de vice colocado para quarto lugar (NEVES, 2008).



O que chama a atenção também é que em 2002, quando era candidato à presidência pelo PSB, Garotinho tomou uma atitude de protesto contra a Globo por causa, segundo ele, do tratamento inferiorizado dado à candidatura. Na época, o candidato não respondia às perguntas dos repórteres da emissora. Em 2006 já no PMDB, o pré-candidato tentou disputar a eleição e além da rejeição de setores do partido ainda teve a imagem “desconstruída” por uma campanha negativa da emissora, levando-o a uma “greve de fome” e a desistência da disputa sem mesmo a realização da convenção do partido.

A análise que se faz é que em relação aos outros candidatos e mesmo pré-candidatos do PMDB e do PPS, as “cabeças” das matérias e as reportagens traziam outros enfoques mostrando a campanha, depoimentos sobre economia e políticas do governo além de críticas ao presidente Lula enquanto que com Garotinho ficava clara a campanha para que a candidatura dele não se efetivasse.

Percebeu-se neste estudo que a relação das coberturas anteriores com o período que precede a corrida presidencial deste ano é muito parecida. Ainda sem uma análise aprofundada, nos 69 telejornais observado em abril, maio e junho as matérias em relação as eleições trataram de exaltar pré- candidatos dos partidos principais no poder como o PSDB e PT e desqualificar o pré- candidato Ciro Gomes que tentavam ser o escolhido pelo PSB. A maneira como as matérias foram editadas e os textos abordados mostram a similaridade com o que aconteceu com o mesmo Ciro Gomes em 2002 e com Anthony Garotinho em 2006.

Referências

COLLING, Leandro. RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Cobertura Jornalística e Eleições Presidenciais de 2006 no Brasil**. In: ALAIC- 2006.

CHAIA, Vera Lúcia Michalany. **Jornalismo e Política: Escândalos e Relações de Poder na Câmara Municipal de São Paulo**. São Paulo, SP, Hacker, 2004

ENTMAN, Robert. Framing: toward classification of a factored paradigm. **Journal of Communication**. New York: 1993.

LIMA. Venício. **Mídia Partidária e Interesse Público**. Disponível no site: www.observatório.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=405jdb002 em 17/10/ 2006. Acesso em 24/01/2007.



_____. **Mídia , Crise Política e Poder no Brasil.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

_____. **A Mídia nas Eleições 2006.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

PORCELLO, Flávio in VIZEU, Alfredo. **A Sociedade do Telejornalismo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

RUBIM, Antonio Canelas. **Eleições Presidenciais em 2002 no Brasil.** São Paulo, SP, Hacker, 2004